



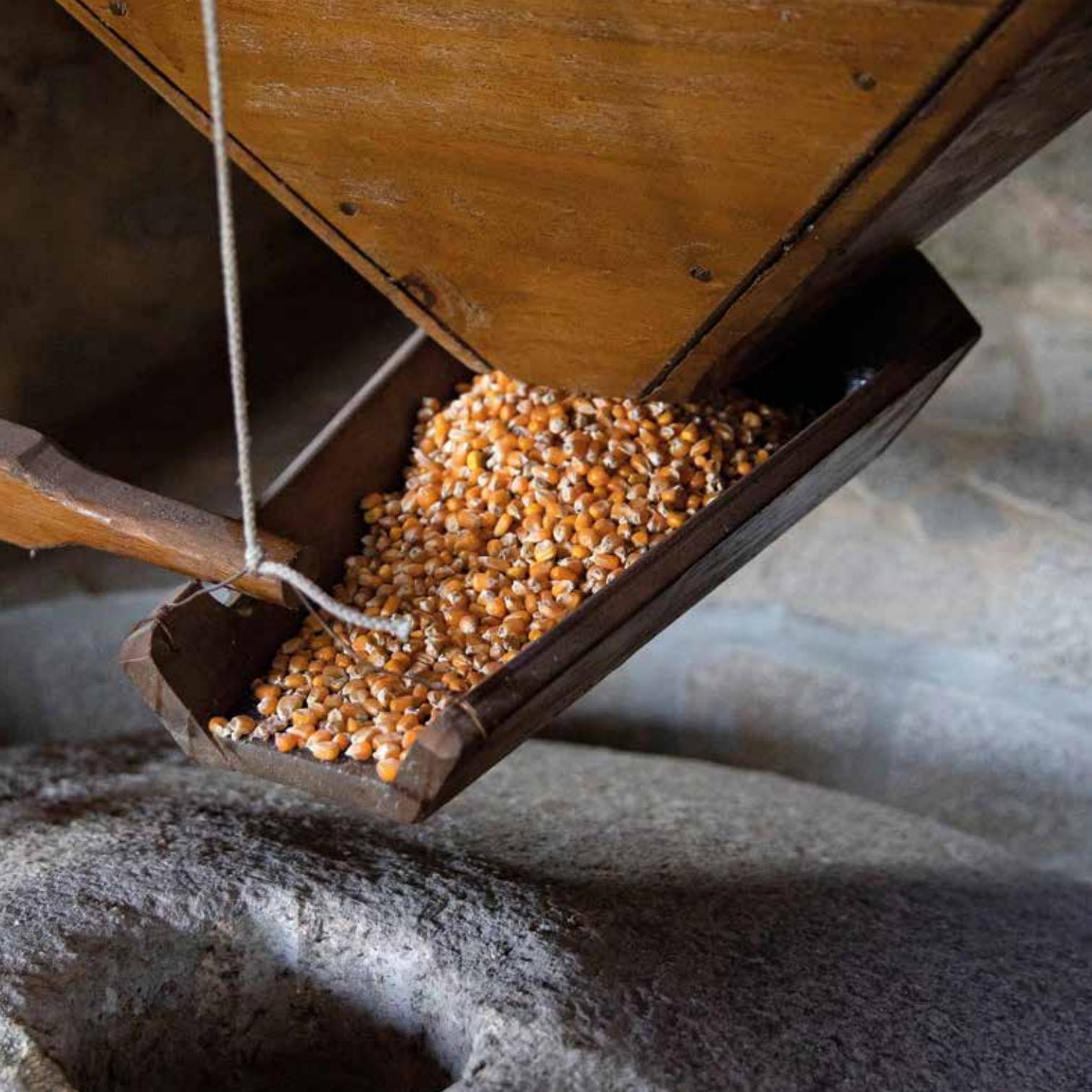
*objetos com histórias*

**Partilha, Lourosa**



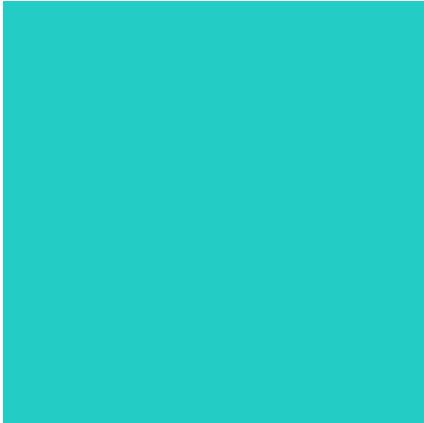
*objetos com histórias*

**Partilha, Lourosa**



“As histórias ajudam-nos a ligarmo-nos aos outros e a criar relações. As palavras resgatam-nos à desastrosa solidão e lembram-nos que fazemos parte da grande família que é a humanidade. Para aqueles de nós que se sentem sozinhos, as nossas histórias atuam como pontes para os outros e sustentam a comunidade.”

Joanne Fedler



**08 objetos com histórias****11 as histórias**

- 12 O moinho do Rio Maior
- 24 O zelador de Santo António
- 32 O bom pão reclama forno de lenha
- 42 A doutora das bonecas
- 48 Um museu da cortiça
- 56 A cortiça tem muitos mundos
- 66 A discreta capela
- 78 A mercearia do «Fifas»

**88 notas****92 bibliografia e infografia consultadas****93 agradecimentos****94 ficha técnica**



## objetos com histórias

Como escreveu o sociólogo francês Maurice Halbwachs na primeira metade do século XX, a memória coletiva envolve as memórias individuais. Segundo o autor, “um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros” e que toda a história da nossa vida faz parte da história em geral.<sup>1</sup>

Ao verbalizarem aquilo que constitui a sua memória pessoal, as pessoas entrevistadas, no âmbito deste projeto, contribuem, ao mesmo tempo, para que a história da freguesia de Lourosa e a cultura portuguesa não se percam totalmente. Todas elas têm em comum o facto de serem guardiãs de um certo património que, parecendo à primeira vista apenas seu, é, afinal, pertença de todos.

**Alberto Valente** cuida(-nos) da Capela das Almas; **Amé-**

**rico Teixeira** guarda(-nos) o moinho do Parque do Rio Maior; **Maria da Conceição Magalhães** conserva(-nos) os objetos que pertenceram à mercearia do seu pai; **Maria Celeste Castro** é depositária de uma maneira centenária de se fazer o pão em forno de lenha; **Fernanda Sousa** salva (as nossas) bonecas do lixo; **José Santos** respeita um compromisso familiar para com o Santo António; **Teófilo Sá** preserva(-nos) as máquinas que auxiliaram na produção de milhares de rolhas de cortiça. Finalmente, **Joaquim Silva** honra(-nos) o dom, humano, para o artesanato, ou seja, lembra-nos da “importância das mãos como ferramenta de trabalho, de execução e finalização da obra. (...) O artesanato, quando reconhecido como bem patrimonial, ocupa a categoria de bem imaterial.”<sup>2</sup>

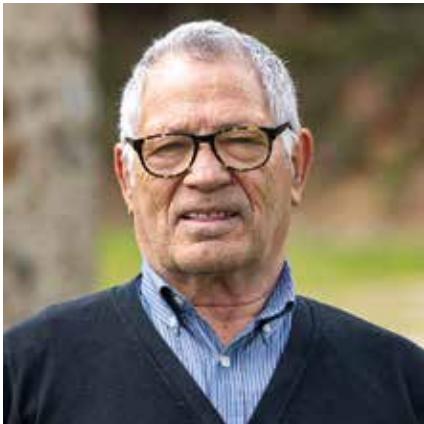
**Objetos com histórias** é uma iniciativa integrada no projeto MIDAS – Mudança para a Inclusão e Desenvolvimento Artístico e Social (Programa Operacional Regional do Norte /NORTE 2020), promovido pelo Município de Santa Maria da Feira em parceria com a Casa dos Choupos, Cooperativa Multissectorial, CRL e o CASTIIS – Centro de Assistência Social à Terceira Idade e Infância de Sanguedo.

**Partilha, Lourosa** é produto de um exercício colaborativo, que valoriza as suas gentes e aposta no seu património.

Lourosa é “terra cheia de energia” diz Américo Teixeira.

“*Laurosa* terá sido referida antes mesmo da constituição do Condado Portucalense, por volta do ano de 1095 (...). No séc. XIX e XX transformaram-se, significativamente, os costumes vividos pela população de Lourosa durante as idades média e moderna.

No início do século passado, **a cortiça** foi trazida para esta terra, alterando assim o *modus vivendi* da população, bem como o contexto económico da região.”<sup>3</sup>



*as histórias*





## O moinho do Rio Maior

Américo Teixeira abriu o Moinho do Parque do Rio Maior como se da sua casa se tratasse. O rio, que nasce da junção de vários pequenos rios, inundou a nossa conversa com o seu espírito livre.

Américo recorda-se de vir com o pai ao moinho do Sr. Raul D'Além: “o meu pai deixava uma saca de milho e depois vinha buscar a farinha. Eu perguntava-lhe: ‘E tu não pagas ao moleiro?’ E o meu pai respondia: ‘Ele já recebeu!’ Mais tarde compreendi que um terço da farinha ficava para o moleiro como pagamento do trabalho”.<sup>4</sup>

Logo que Américo terminou a 4<sup>a</sup> classe tornou-se operário na fábrica de cortiça de António Barros, em Santa Maria de Lamas, como «descascador» – são visíveis as mazelas nas mãos. Lembra-se de “tirar a crosta da cortiça com o

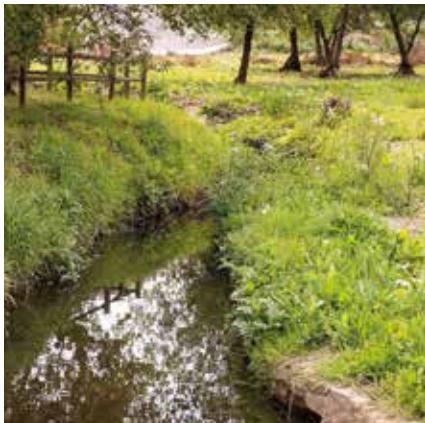
«burro»” para que a cortiça ficasse mais macia. Por volta dos 17 anos, e depois de trabalhar em várias fábricas do setor corticeiro, dedicou-se ao futebol profissional.

A sua relação com este moinho nasceu por volta de 2010. O presidente da Junta de Freguesia de Lourosa, Sérgio Reis Ribeiro, e o vereador do Ambiente, Emídio Sousa (atual presidente de Câmara Municipal de Santa Maria da Feira), incentivaram-no a reerguer o moinho que tinha sido derrubado nas históricas cheias de 1962. Pouco a pouco, ele foi ressurgindo, por entre a vegetação densa. Nestes trabalhos, colaboraram Hermenegildo e alguns dos funcionários da Junta. Recuperaram-se também o seixo e as mós, todas elas marcadas com uma cruz “para exorcizar as bruxas e como forma de pedir proteção divina contra

toda a espécie de infortúnios”.<sup>5</sup> A inauguração realizou-se em 2016.

De 1989 é a monografia de Maria Cecília Rodrigues Reis intitulada *Lourosa – sua História e Gentes*, que se encontra sobre a mesa à entrada do moinho. Américo considera este livro como a sua bíblia no que se refere a descobrir “mais e mais” sobre a sua terra natal.

Américo fala de Lourosa com paixão e um profundo conhecimento, e movimentava-se pela freguesia como se deambulasse pelos compartimentos do seu lar e não há quem não o cumprimente. E tem para ela projetos e sonhos que passam, por exemplo, pela valorização da Estrada Romana.

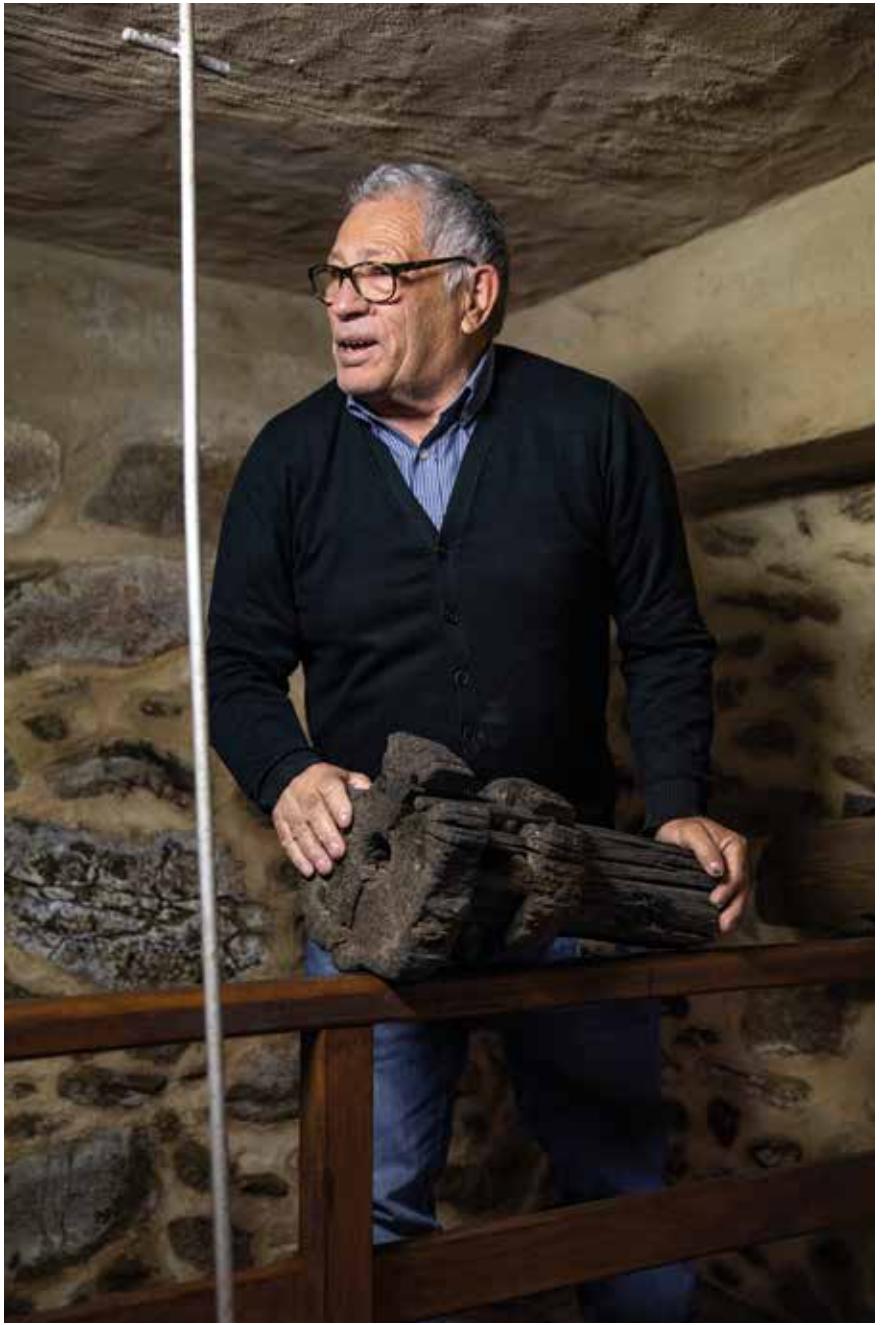
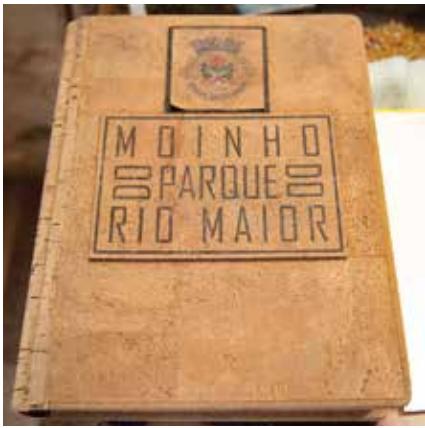












**página 21**

**desenho realizado por:**

**Matilde Oliveira**

Escola Básica Casalmeão

3.º ano

**página 22**

**desenho realizado por:**

**Maria Mota**

Escola Básica Casalmeão

3.º ano

**página 23**

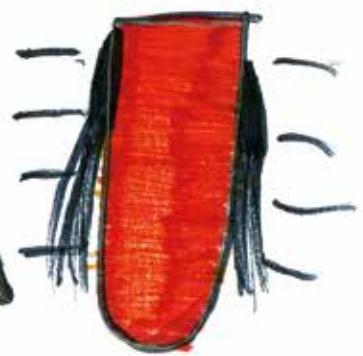
**desenho realizado por:**

**Maria Ribeiro**

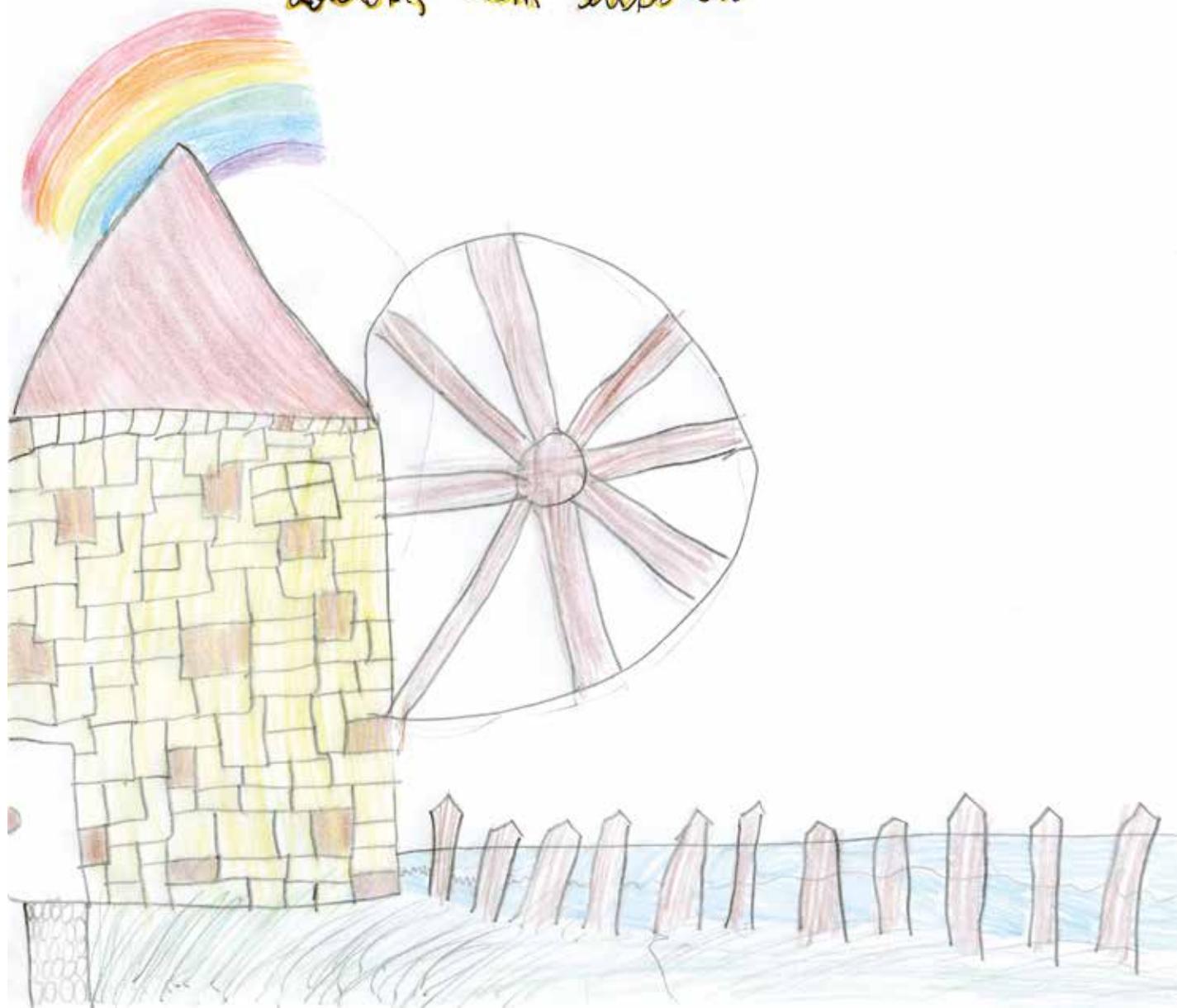
Escola Básica Casalmeão

3.º ano

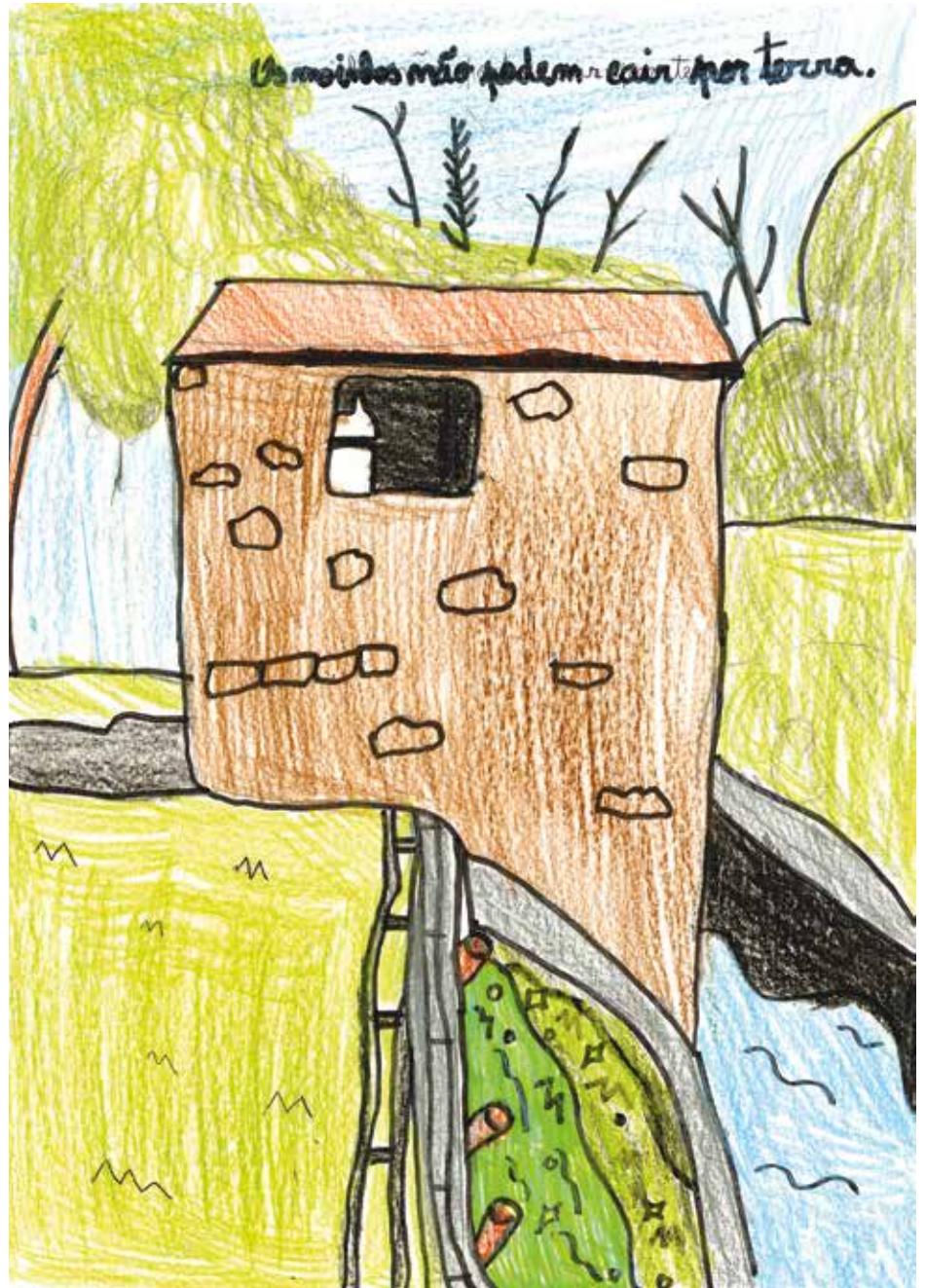
América Central en el primer Mesón de los parques Bicentenario



"Louçara, tem história"



Os moitos não podem cair por terra.





## O zelador de Santo António

A histórica Rua Romana atravessa as freguesias de Lourosa e Fiães e é passagem de muitos peregrinos rumo a Santiago de Compostela ou com destino a Fátima. É pontuada por «alminhas» cuidadas por tradição e devoção. Um desses pequenos «monumentos genuinamente portugueses»<sup>6</sup> é a pequenina estatueta representando Santo António e que se encontra sobre a oficina de José Santos.

Quando chegámos para a entrevista, o electricista de automóveis de 79 anos trabalhava debruçado sobre o problema que um motor lhe colocava. Assim que nos viu, largou-o de imediato e esqueceu, aparentemente, que tinha clientes reclamando a sua atenção. A partir daí mostrou-se totalmente disponível para dar solução às nossas perguntas, ainda que simples e ingénuas.

José dá continuidade a uma missão familiar que se iniciou com o bisavô. A mãe, Armin-

da, transmitiu-lhe o testemunho. Não falhou ao santo: noite após noite, degrau a degrau da escada que ainda existe, iluminou-o com lampião a azeite. E, semana após semana e ano após ano, não faltaram as flores frescas nas jarras de barro (“uma de cada lado”). É por isto que é tratado por José «Santo António» tal como havia sido o seu pai.

Desde a morte de Arminda, há cerca de trinta anos, que esse cuidado assumiu outros contornos. Por ser mais prático, José resolveu colocar uma luzinha elétrica que se mantém acesa permanentemente. A pequena estatueta continua a preservar-se e a proteger-se com todo o carinho: foi restaurada há pouco tempo, assim como o nicho. Sempre que é necessário, o zelador de Santo António volta a pintá-la na cor azul primitiva ou a lavá-la. José procurou também reproduzir “a arquitetura da capela original”, embora recorrendo a materiais mais duradouros.

Não se fez qualquer registo fotográfico desta imagem que, julga, terá muito perto de 500 anos. Lembra-se, sim, da original capelinha em madeira onde se guardava o santo.

Apesar de vivermos um tempo diferente no que diz respeito à espiritualidade, há ainda quem se detenha junto do santo para uma pequena oração e deposite umas moedas na caixa de correio. Com elas, José compra o azeite, pois sente que é o seu “dever”. “Agora a gente só se lembra do santo quando troveja!” Mas, comentou, “há uma pessoa que vem quase todos os dias fazer uma caminhada à noite e é raro não se demorar uns instantes” para repetir uma oração ou esboçar um novo pedido.

José tem fé que também o seu filho dê seguimento a esta missão protetora do santo.

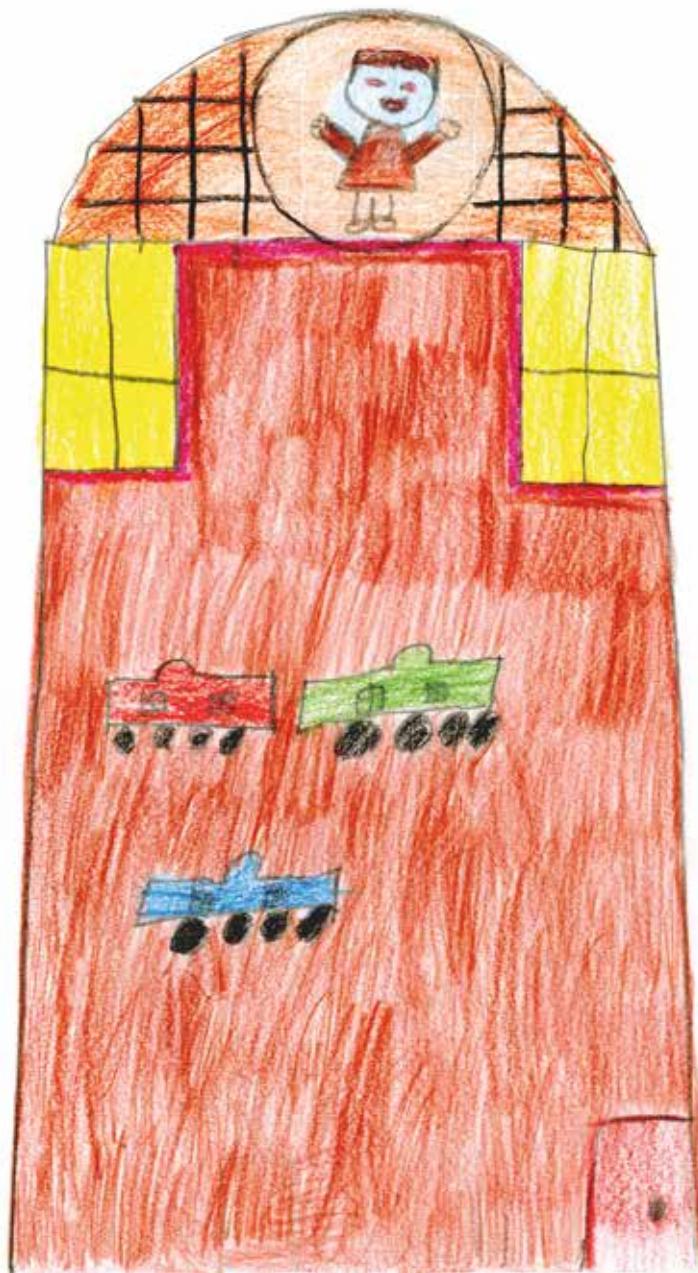




desenho realizado por:

**Martim Barbosa**

Escola Básica de Prime | 3.º ano





desenho realizado por:

**Abílio Ventura**

Escola Básica de Prime | 3.º ano



desenho realizado por:  
**Alexandre Correia**

Escola Básica de Prime | 3.º ano





## O bom pão reclama forno de lenha

Não será fácil dar continuidade à maneira tradicional de confeccionar o pão cozido no forno a lenha. Maria Celeste Castro fá-lo desde os 13 anos de idade: “A minha vida foi passada em casa a fazer pão e rendas”. Contou-nos desse dia em que, estando a mãe ausente, se viu obrigada a cozer pão pela primeira vez. “Correu bem!”, disse. Afinal, tinha-a observado vezes sem conta empenhada nesse ritual de incontáveis gestos.

Em inúmeras padarias poderíamos comprar pão de várias qualidades e saboreá-lo fresco todos os dias. Um gesto simples e banal. Contudo, no passado, «o pão nosso de cada dia» era cozido em casa e para toda a semana.

Representava um processo demorado e envolvia uma longa lista de verbos. Na casa de Celeste era assim: comprar a farinha ao moleiro Figueiras que passava num carro de bois (segunda e sexta-feira);

deitar a farinha de milho na masseira; acrescentar o sal; ferver a água; mexer a farinha com a pá de pau até ficar bem misturada e húmida; deixar a massa arrefecer; adicionar o «crescente» que sobrou da última vez; peneirar com a farinha de centeio; amassar a mistura das farinhas (milho, centeio e trigo); estender a massa lêveda; estendê-la com uma escudela de pau para ficar redonda; benzê-la, desenhando-lhe uma cruz com a mão direita («em nome do Pai e do Filho»); cobri-la com uma toalha; e, finalmente, cozê-la no forno depois de limpo.

O calor do forno a lenha faz toda a diferença no sabor do pão: “a lenha foi sempre o combustível e a sua eficácia depende do tipo de madeira utilizada (...) sendo um fator de elevada importância no resultado final do pão. A par da lenha, havia ainda outro elemento de importância, para que o calor fosse eficaz na cozedura do pão: a bosta de

vaca ou argila (se a houvesse) que eram utilizadas como um vedante natural da porta do forno, precisamente para evitar fugas de calor”.<sup>7</sup>

São necessárias entre três a quatro horas de preparação até ao momento em que o pão – alimento sagrado – chega à mesa de famílias numerosas de outrora como a de Celeste. O tabuleiro de ir ao forno tornava-se pesado com tantas broas e era o pai que, à noite, “depois de sair dos campos, metia o pão no forno enquanto a minha mãe preparava o caldo”.

A pobreza era comum e obrigou a partilhar o pouco que se tinha com os vizinhos e a dar a quem vinha pedir à porta.

A melhor coisa do mundo podia ser uma sopa quente («caldo aferventado») que se resumia a algo tão básico como “a cozedura de uma couve-galega com uma batata cortada aos bocadinhos,

engrossada com um pouco de farinha”. Celeste molhava então um pedacinho de pão nesse caldo que lhe sabia tão bem e (imagino) junto ao forno, “a peça central da habitação”.<sup>8</sup>

A vida moderna não se coaduna com cozer o pão num forno a lenha: não temos tempo. “Agora vivemos num *outro mundo*: não é melhor nem pior”.

A lentidão dos gestos e a concentração dada a uma coisa de cada vez e na sua ordem, parece estar a desaprender-se ou a perder-se. Ainda vamos a tempo de incorporá-las q.b. nas nossas vidas, tal como a padeira junta o fermento e o sal à massa?









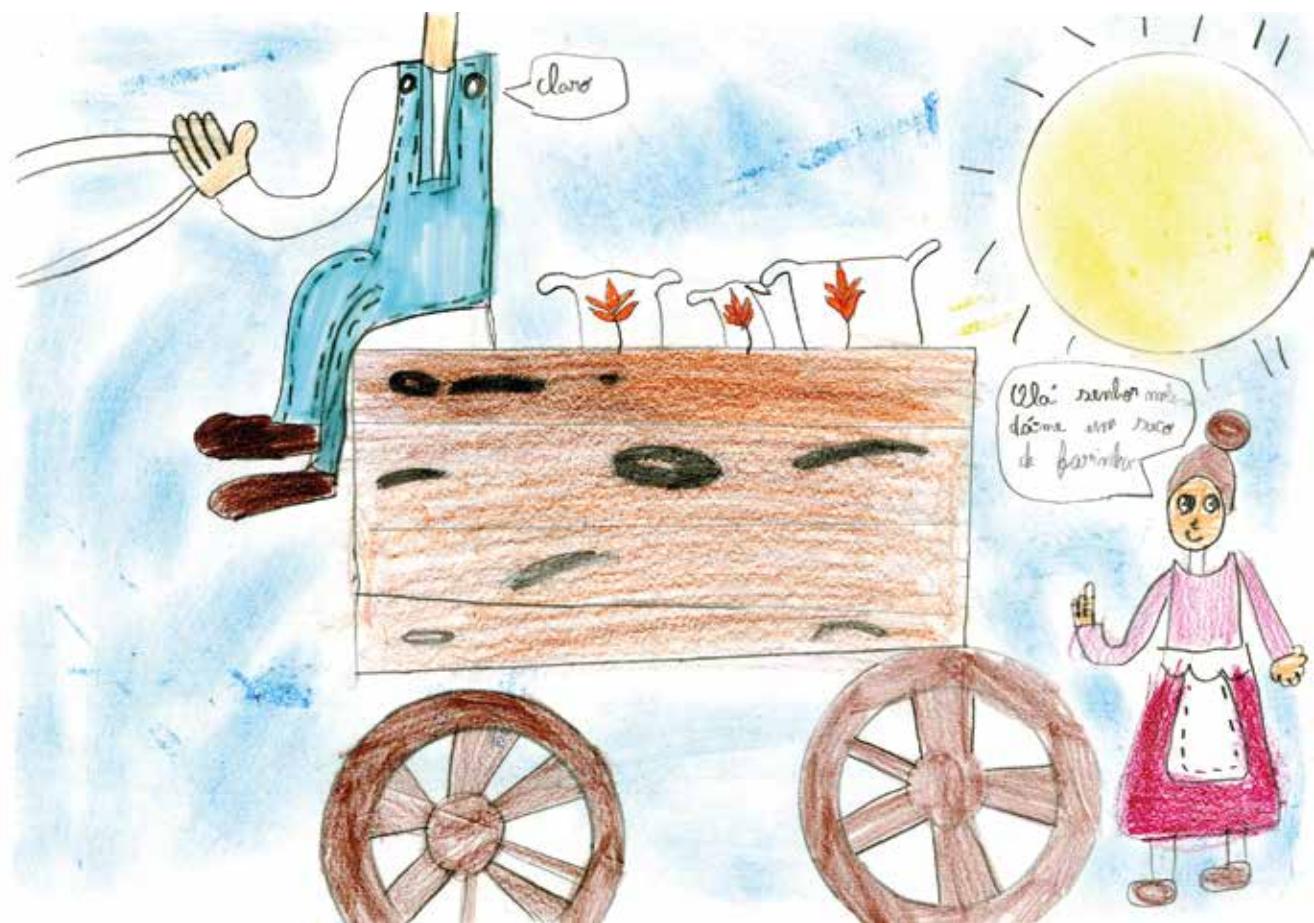




desenho realizado por:

**Lara Andrade**

Escola Básica de Sobral | 3.º ano

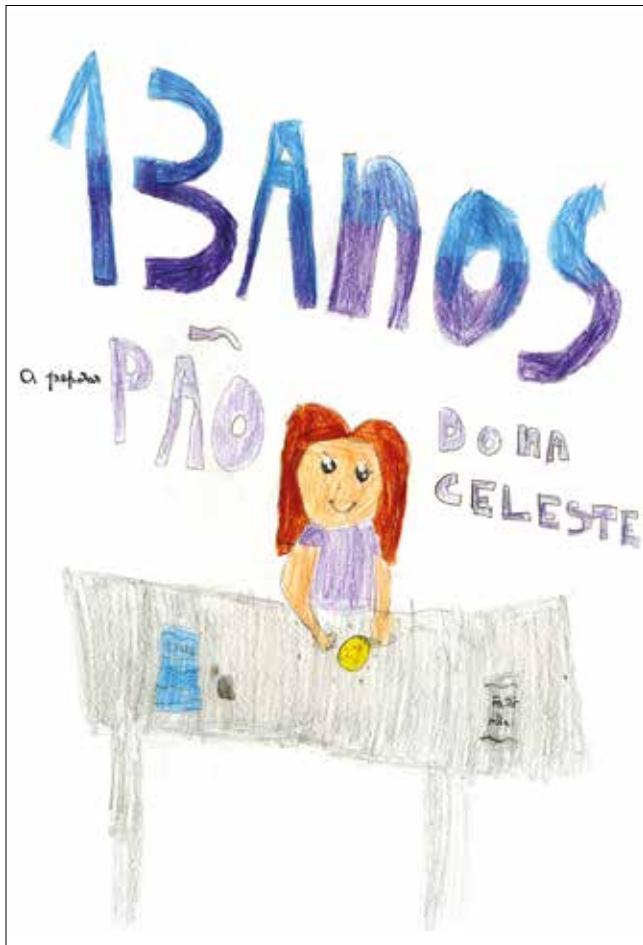


desenho realizado por:  
**Íris Coelho**

Escola Básica de Sobral | 3.º ano

desenho realizado por:  
**Valentina Azevedo**

Escola Básica de Sobral | 3.º ano





## A doutora das bonecas

Dar vida a uma boneca rejeitada também requer muito tempo e dedicação, comparáveis a escrever um livro!

Fernanda Sousa, 73 anos, não é capaz de dizer “não” a nenhuma. Ama as dezenas de bonecas que acolheu nos últimos quarenta anos, sendo que “a maior parte delas saiu do lixo”. Ironia, Fernanda não teve filhas que pudessem usufruir desta coleção invejável.

A paixão pelas bonecas começou na infância e persiste até hoje. Fernanda rezava ao Menino Jesus para lhe dar uma boneca com cabelo. A mãe sabia bem que as bonecas de trapos não satisfaziam a menina plenamente: “Se te portares bem, o Menino Jesus dá-te uma!” E a promessa cumpriu-se num certo Natal. Porém, a boneca tinha cabelo de plástico... Ainda a guarda, passados quase setenta

anos. Só muito tempo depois teve a boneca dos seus sonhos: uma com cabelo a sério que podia pentear!

As duas bonecas ocupam um lugar especial no coração de Fernanda. Conquistaram ainda o privilégio de dormirem com ela – Fernanda contenta-se com um cantinho. Todas as outras vivem num outro quarto: o *consultório* improvisado.

O tratamento de uma boneca resgatada do lixo inicia-se na lavagem: “ficam na água com lixívia um ou dois dias; depois esfrego-as; às vezes corto-lhes os cabelos quando estão muito danificados; e, finalmente, faço-lhes uma roupinha”. A maioria exibe um bonito vestido de crochet ou tricot! Entre a coleção, encontram-se bonecas oferecidas e outras que comprou por um euro ou euro e meio na Feira do Velho<sup>9</sup>.

As bonecas que lhe são mais queridas não são as novas, mas as que salvou do lixo. Fernanda dá-lhes um nome e fala com elas – “agora vais para o teu sítio” – e, por seu turno, as bonecas sussurram o nome de algumas amigas e avivam-lhe a memória de momentos vividos num passado mais ou menos recente. Quando faz a limpeza do consultório – que pode durar uma semana – dá conta se alguma boneca está fora do lugar ou em falta. “A Paulinha também estava no lixo”. A doutora das bonecas encontrou esta boneca no meio de pneus, muito negra e desmembrada (“esteve muito tempo apenas com um braço!”). O nome explica-se facilmente: pertenceu a Paula, patroa do marido de Fernanda. “Aquela é a Daniela”; “Esta é a Glorinha – a dona morreu e as filhas atiraram a boneca para o lixo”.



Ultimamente, sente-se um pouco desanimada com o previsível destino das suas bonecas: o regresso ao lixo. Repara que “agora as crianças não querem bonecas”. “Eu amo-as. Sonho poder colocá-las num museu só para elas!”

*Para terminar, permitam-me partilhar convosco uma coïn-*

*cidência surpreendente. Pesquisando sobre a História das bonecas, deparei-me com uma dissertação de mestrado intitulada **Revirando malas: entre histórias de bonecas e crianças (2009)** de Fernanda Souza, autora brasileira. O mesmo nome, portanto, da nossa doutora de bonecas e, em comum, o interesse genuíno por bo-*

*necas: Fernanda de Lourosa revira o lixo à procura de bonecas e dá-lhes uma nova existência. Fernanda de Porto Alegre revira malas povoadas de bonecas que lhe suscitam perguntas. As duas mulheres nos evocam, cada uma ao seu jeito, o mundo encantado da nossa infância. Brincar é coisa só de criança?*



desenho realizado por:

**Bruno Moreira | Mafalda Sousa | Mariana Oliveira | Vicente Vieira**

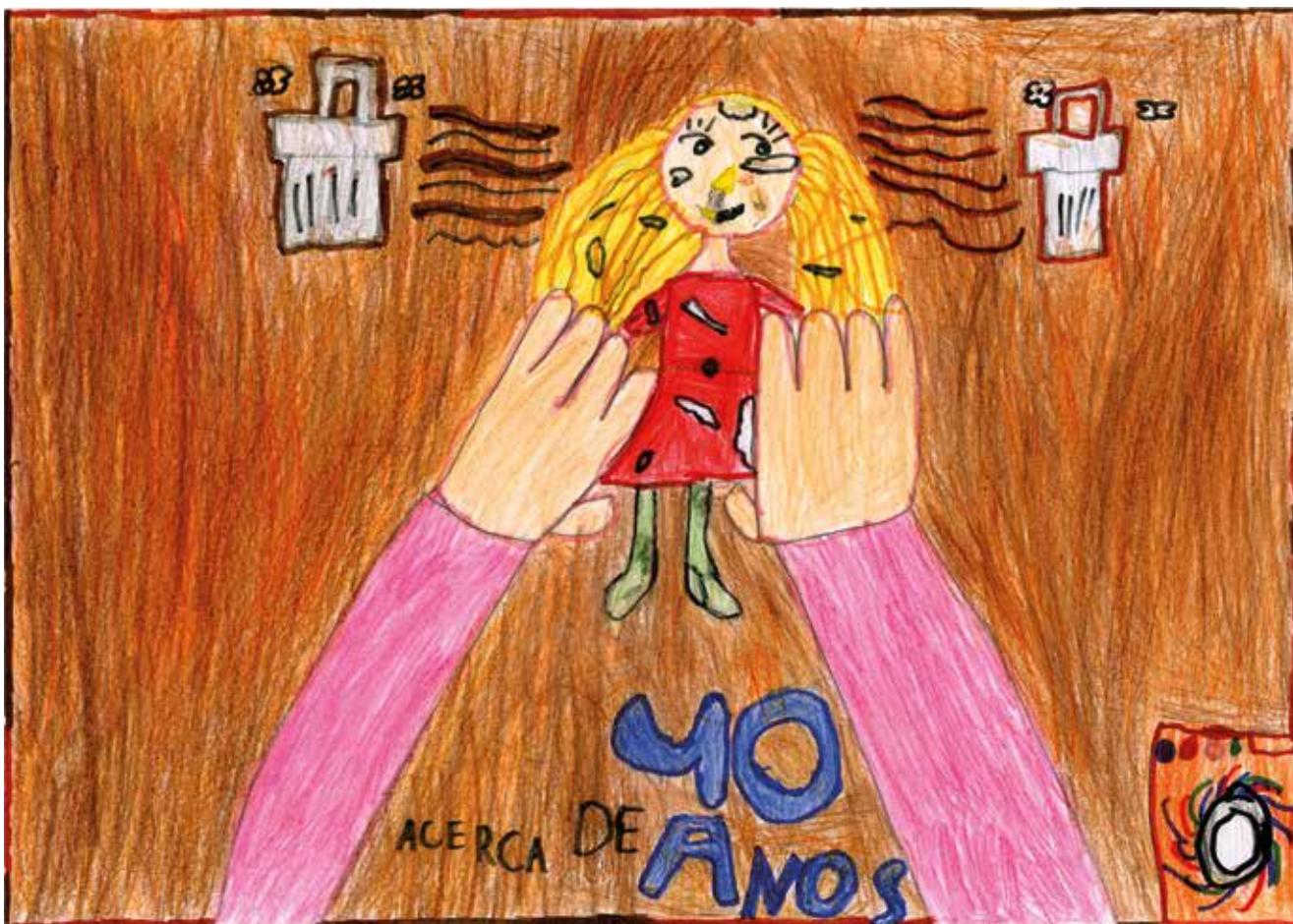
Escola Básica da Vergada | 3.º ano



desenho realizado por:

**Gonçalo Amaral | Vicente Conceição | Vítor Fontes**

Escola Básica da Vergada | 3.º ano





## Um museu da cortiça

Em 1988, Teófilo Sá criou um pequeno Museu da Cortiça nas instalações da sua fábrica de rolhas, localizada nas imediações do Zoo de Lourosa. Este projeto preserva um conjunto de maquinaria que, de outra maneira, acabaria no lixo. Sobre um chão de corticite, dispôs cada uma das velhas máquinas com o respetivo letreiro identificativo.

Explicou, com o entusiasmo estampado no rosto, cada uma das fases da produção das rolhas desde a cozedura na caldeira até às formas que conhecemos, ilustrando as suas palavras com a exposição patente. Quem visitar o seu museu poderá ver a balança, a «prensa», a «parafinadeira» (para «amaciar a rolha»), a «marcadeira a tinta» que funciona como uma máquina tipográfica, a «rebaixadeira», a «lixadeira», «o bombo de parafinar rolhas», a «garlopa»<sup>10</sup> e a «broca». Esta é uma máquina mais moderna, embora

“perigosa” – “agora já se usa a luva de aço” – e que permite a produção de um maior número de rolhas, ultrapassando as vinte mil por dia contra as quatro mil da «garlopa». Hoje, as rolhas resultam do chamado «aglomerado» (rolha de cortiça moída), que responde melhor às exigências do mercado.

As rolhas podem ser vendidas diretamente como saem da broca («em raça») ou depois de sujeitas a um «acabamento». Esse «acabamento» passa, por exemplo, por lixar os topos da cabeça e “pulsar o corpo da rolha para ficar na medida exata”, com calibres como o 45-24 ou o 12-21. A de calibre 49 ou 54, explicou, é considerada de boa qualidade e destina-se a coleções de vinhos.

Para além do calibre, as rolhas também têm uma designação própria, como «cabeça de espelho» ou «cabeça de flor» e são classificadas em tipos: «superior», «primeira» ou «ex-

tra». As rolhas eram selecionadas pelas «escolhedeiras» que as separavam e atiravam para as alcofas que se dispunham em seu redor. Este trabalho era duro e exigia grande concentração de forma a não se misturarem as rolhas. Depois, ainda se fazia uma separação mais «fina» na banca com o objetivo de se retirar as rolhas fracas que tivessem caído na alcofa por engano. Finalmente, as rolhas eram ensacadas, pesadas e “enviadas para o mundo”.

E “o mundo” resumia-se à Alemanha, França e Japão. Teófilo contou uma história curiosa: um dos seus clientes nipónicos não sabia como nascia a cortiça: “julgava que as rolhas caíam como as pêras duma pereira!”. Quando o cliente veio visitar a fábrica, mostraram-lhe um sobreiro e desvendaram-lhe a história da produção duma rolha! Efetivamente, as rolhas são fruto de muito saber de homens e mulheres!



Nada substitui a rolha de cortiça na conservação de um bom vinho, porque ela “é um bom vedante e permite que o vinho respire”.

Com a paciente explicação de Teófilo, lembramos que “as rolhas não são todas iguais”, que não têm o mesmo valor comercial e que umas

são mais “lindas” que outras! Sem a sua “vontade e coragem”, este museu não existia.







desenho realizado por:

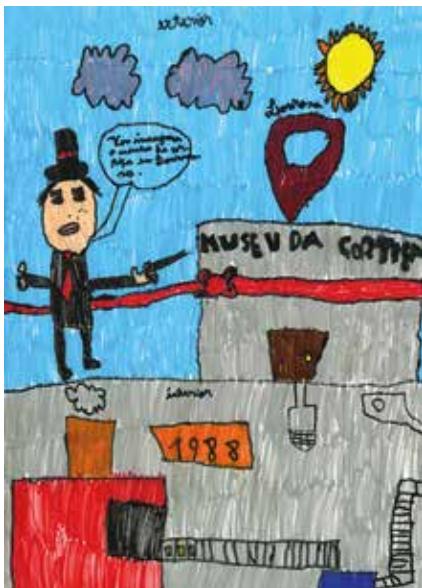
**Gabriela Bastos**

Escola Básica de Sobral | 3.º Ano



desenho realizado por:  
**Santiago Gonçalves**

Escola Básica de Sobral | 3.º Ano



desenho realizado por:  
**Diana Oliveira**

Escola Básica de Sobral | 3.º Ano





## A cortiça tem muitos mundos

Em 2008, Joaquim Silva descobriu que tem “um dom” para o artesanato.

Explicou-nos o que desencadeou o início de uma produção prolífica de objetos em cortiça e outros materiais: “um comentário” que ouviu. Dois peregrinos que faziam o Caminho de Santiago e que passavam na Rua Romana onde Joaquim vive diziam um para o outro que faltava em Lourosa um terço em cortiça como o que viram na Vergada. Joaquim ficou intrigado e deslocou-se ao local. Efetivamente, o objeto estava “bem feito”, mas Joaquim não quis copiar. Antes pelo contrário, quis produzir algo original. Demorou apenas oito dias para o concluir: um terço pintado em branco e amarelo com cinco metros que afixou na parede de sua casa de modo a ser visível por todos os caminheiros.

Após a criação deste terço, Joaquim suspendeu os trabalhos de artesão por algum tempo até que lhe surgiu a

ideia de conceber uma «Sagrada Família» dedicada à sua mãe (“a minha velhinha”). Criou e ofereceu mais de cento e cinquenta «sagradas famílias», um número semelhante ao valor do subsídio que recebe por mês.

Desde então, tem-se dedicado ao fabrico de objetos em materiais tão diversos como a cortiça, em primeiro lugar, a madeira («santíssimas trindades» e aviões) e mesmo cascas de noz (porta-chaves). E o seu atelier é, nas palavras do próprio Joaquim, “um aidi-nho” onde arruma o material da pesca (Joaquim é pescador encartado tal como foi o seu falecido pai).

Trabalhou durante vinte e quatro anos na indústria corticeira como «rabaneador» de cortiça e manuseador de máquinas – soldava peças partidas e produzia facas. Esteve empregado numa outra empresa, a *Facol*, durante dois anos. Atualmente, sente dificuldade em empregar-se. Comentam que

Joaquim é “velho para trabalhar”. Enquanto não encontra trabalho, frequenta um curso de formação.

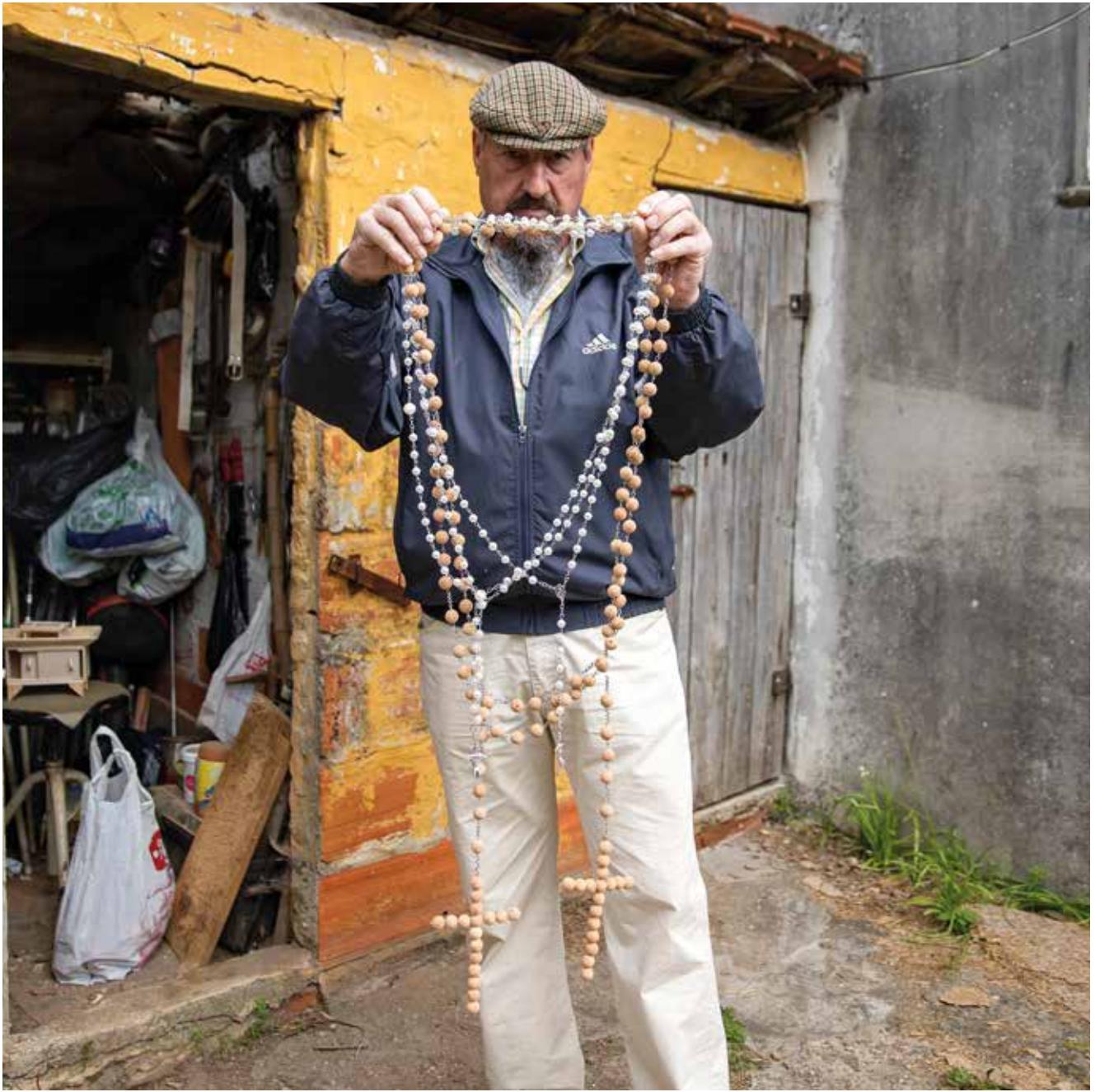
Uma das formadoras sugeriu aos alunos a criação de peças artesanais para apresentar no Centro de Formação Profissional de Rio Meão. Mas Joaquim não mostrou interesse no desafio proposto, alegando que “não sabia fazer nada”. Tentando motivá-lo, elogiaram-lhe os trinta e cinco pequenos terços em cortiça que alguém deu a conhecer no *facebook*. Não podendo negar a autoria dos trabalhos, o artesão acabou por ceder, concretizando os cinco presépios em cortiça para oferecer a cada professor do Centro de Emprego.

Para além das redes sociais, os seus trabalhos encontram-se expostos nas montras do *Café Sobe e Desce* (um presépio em cortiça) e do talho *Tomás* (um chapéu e um emblema do clube desportivo de Lourosa) por não ter em sua casa lugar para tanta obra.

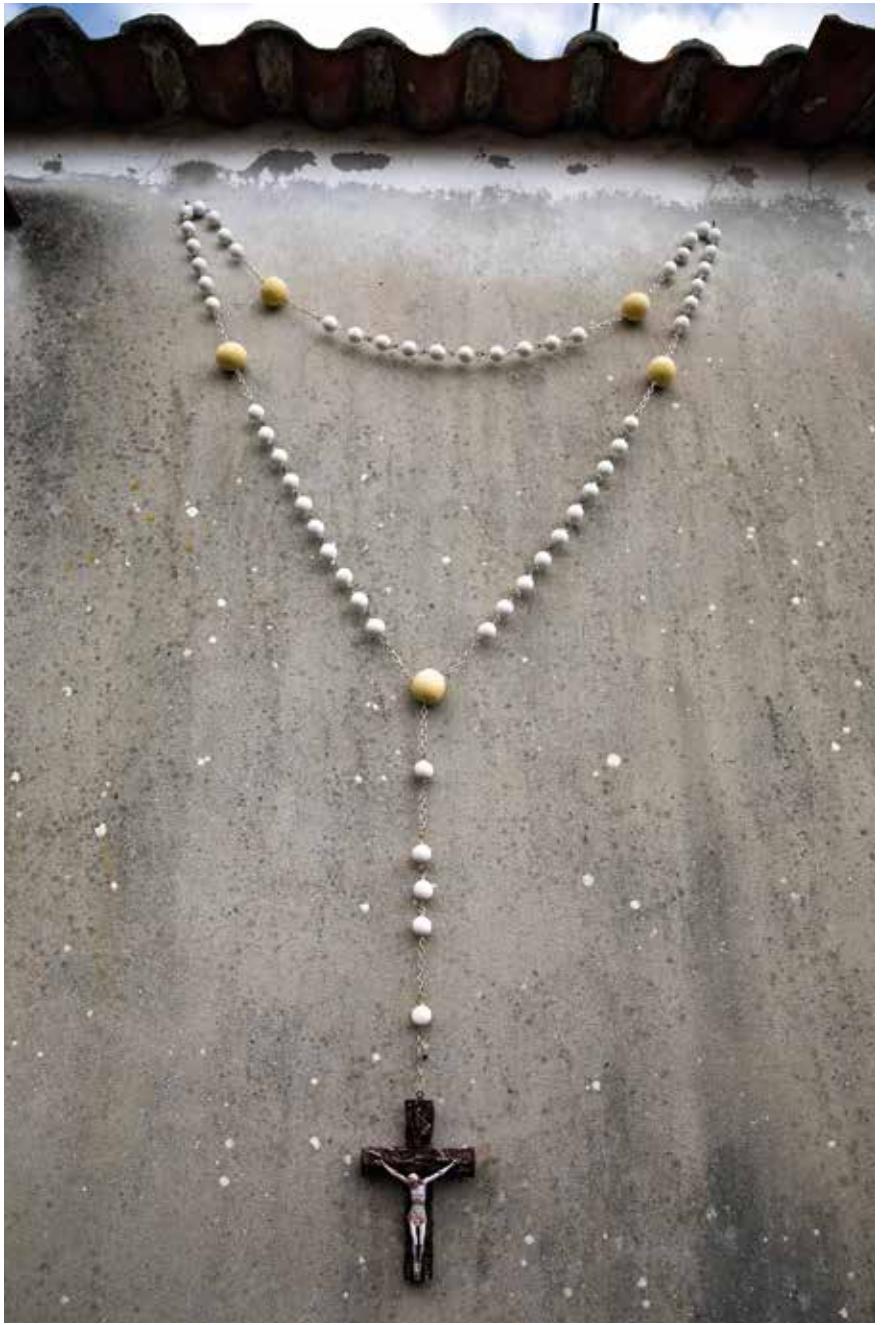
Mas a principal galeria onde podemos admirar o talento deste homem é nas instalações da Junta de Freguesia de Lourosa que tem a porta sempre aberta para Joaquim.

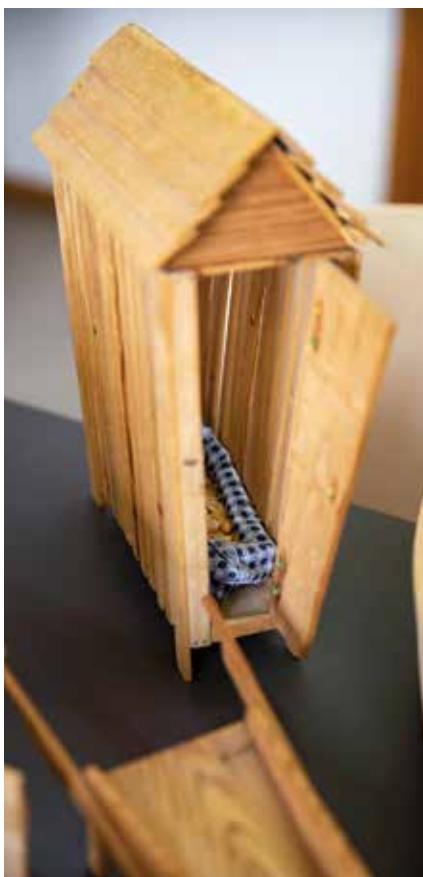
Tem pena de não ter começado mais cedo a desenvolver a atividade de artesanato. O tempo parece-lhe escasso para tantos projetos que lhe habitam a cabeça.



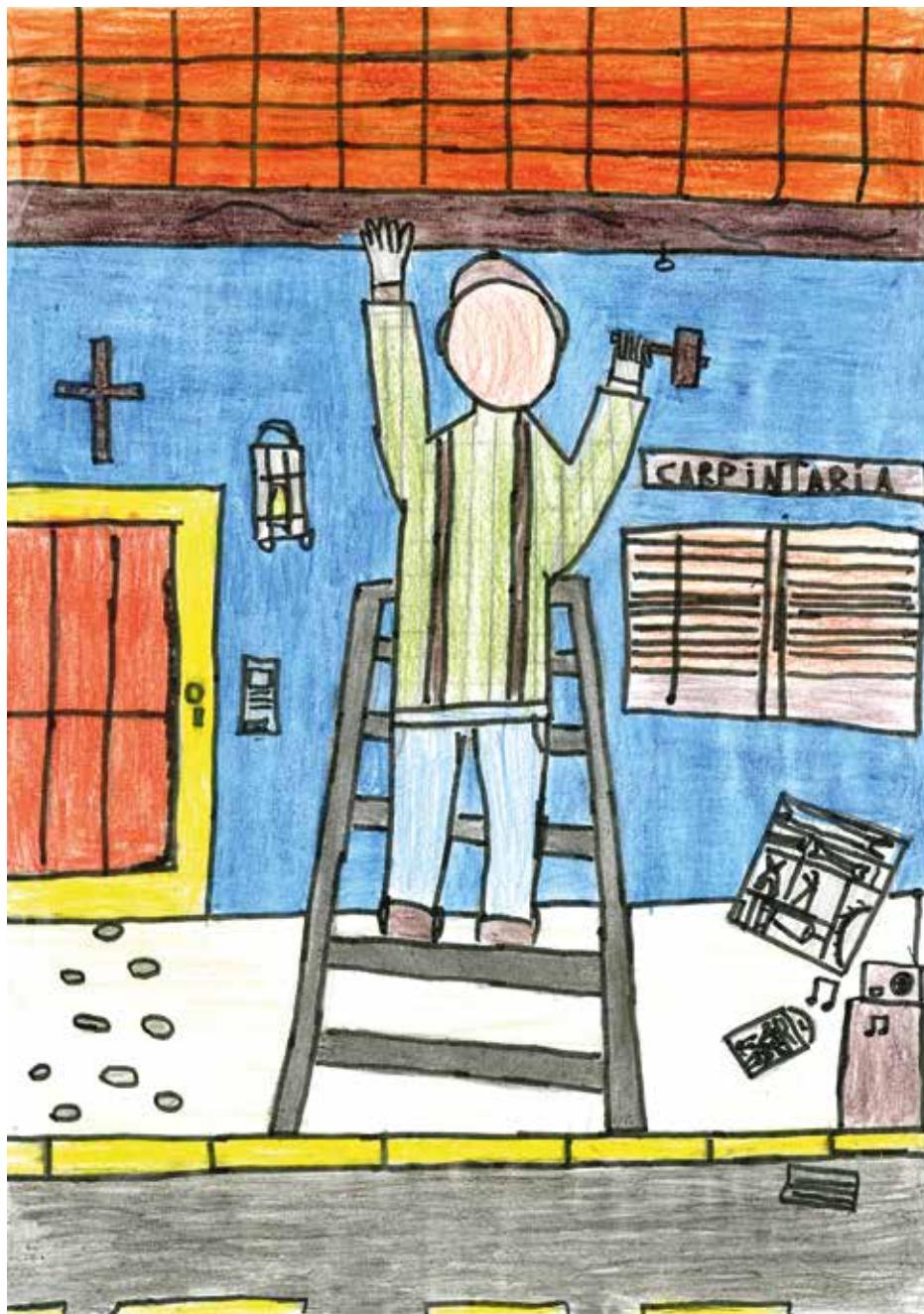












desenho realizado por:  
**Mariana Silva**

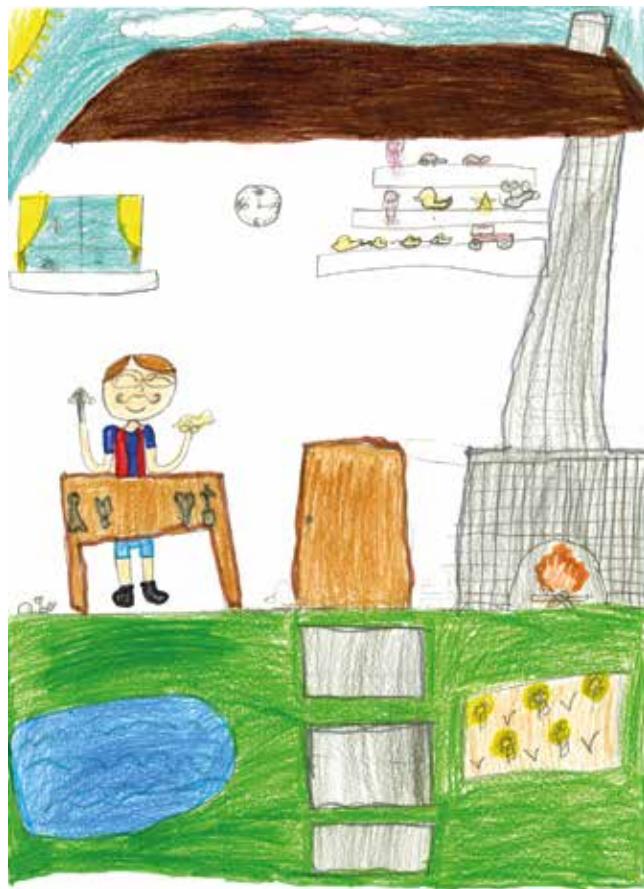
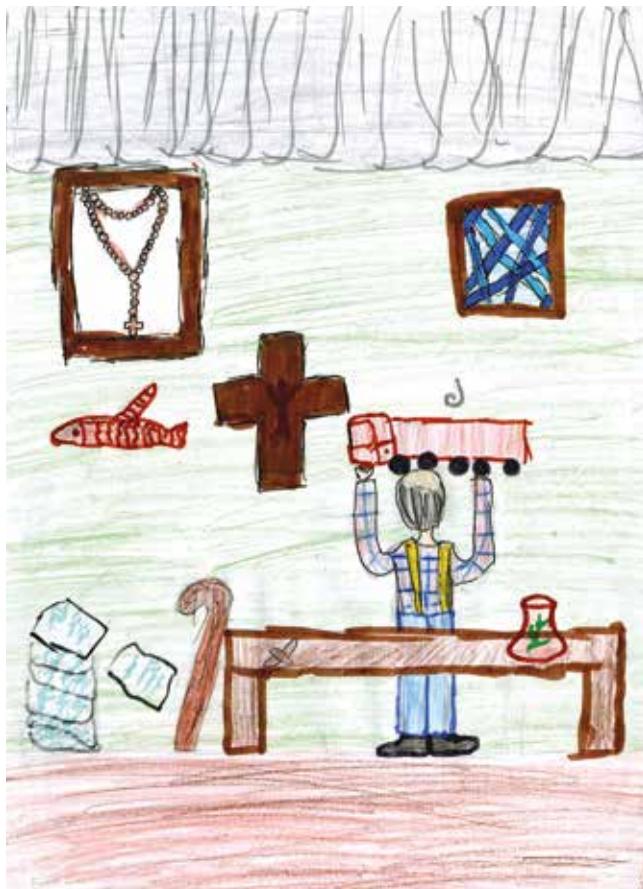
Escola Básica de Fonte  
Seca | 4.º Ano

desenho realizado por:  
**Henrique Santana**

Escola Básica de Fonte Seca | 4.º Ano

desenho realizado por:  
**Sara Leonel**

Escola Básica de Fonte Seca | 4.º Ano





## A discreta capela

O relógio de ponteiros estava certíssimo: dez horas e dez minutos. Alberto Valente, 73 anos, igualmente pontual, esperava a nossa chegada. É o guardião da Capela das Almas desde 2010, ano em que se realizou a primeira festa e se deu início à celebração das missas naquele local. É o padre Carlos que, “sem pedir nada em troca”, se desloca da freguesia de Gião a Lourosa para rezar a missa aos sábados e aos domingos. E então, a capelinha enche-se de gente com três fiéis em cada banquinho.

O pequeno edifício pertence à junta de freguesia e passa despercebido a quem circula de carro na perigosa e movimentada Estrada Nacional n.º 1 (EN1). A Capela das Almas é o projeto de ampliação de uma capela pré-existente que caiu e foi engolida pelas silvas. Os populares tomaram a iniciativa de procederem à sua limpeza e angariar donativos pela freguesia. Ergueram-na de novo. Alberto insistiu

para que não nos esquecêssemos de mencionar “a avó Alzira com mais de oitenta anos e que foi uma das pessoas que ajudou a construir a capela”. “Tudo o que está aqui foi oferecido!”.

Aludiu ainda ao falecido Sr. Ribeiro que, para além da capelinha da cera, doou o sino, o relógio e a capelinha da Nossa Senhora, localizada no átrio. Os benfeitores são muitos: particulares, entidades públicas (como a Caixa Geral de Depósitos) e anónimos. A dada altura, a nossa conversa foi interrompida: um homem entrou silenciosamente na capela para confiar a Alberto um saco com garrafas de azeite. O guardião da Capela não é capaz de dizer “não”, apesar de ter azeite em sobra para acender a lamparina. Este é um método que se emprega desde a pré-história até aos dias de hoje por ser seguro, prático e limpo.

Alberto conhece de cor cada canto deste espaço sagrado,

as suas carências e o que há a melhorar. “É preciso retirar aquele candeeiro que esconde a cruz do altar” – a cruz é uma obra com quarenta anos, da autoria de um artista da Vergada – “tem que vir para trás porque esconde o Nosso Senhor”. Naquele dia, estava a pensar em mudar a posição dos santos: “quero pôr a Nossa Senhora das Dores ao lado da cruz de Cristo”. Não deixa faltar nada à Capela das Almas: “quando é preciso alguma coisa, eu peço!” Falta ainda colocar o sacrário num dos cantos do templo que ficará voltado para a entrada segundo a vontade de Alberto.

O nosso olhar dirige-se para onde indica a sua mão. A porta aberta lembra-nos que deixámos o carro na EN1, junto à garagem *Feirense* e à rotunda de S. Tiago, padroeiro de Lourosa. Lá fora o ambiente é outro mas, se estivermos atentos, veremos que há uma espiritualidade em viagem! Na EN1 ou na Rua

Romana os peregrinos fazem a sua peregrinação, quer seja para Santiago de Compostela ou, no sentido contrário, para Fátima. Eles não ficaram esquecidos no seu cansaço. Alberto tratou de colocar bancos dos dois lados da Capela das Almas.

Religiosamente, Alberto abre as portas todos os dias. Continua a fazer sentido em pleno século XXI, porque há gente que acredita em Deus e procura o silêncio de um templo vazio para uma oração ou uma promessa. O que será desta capela sem Alberto? Há que ter fé!













desenho realizado por:

**Martim Soares**

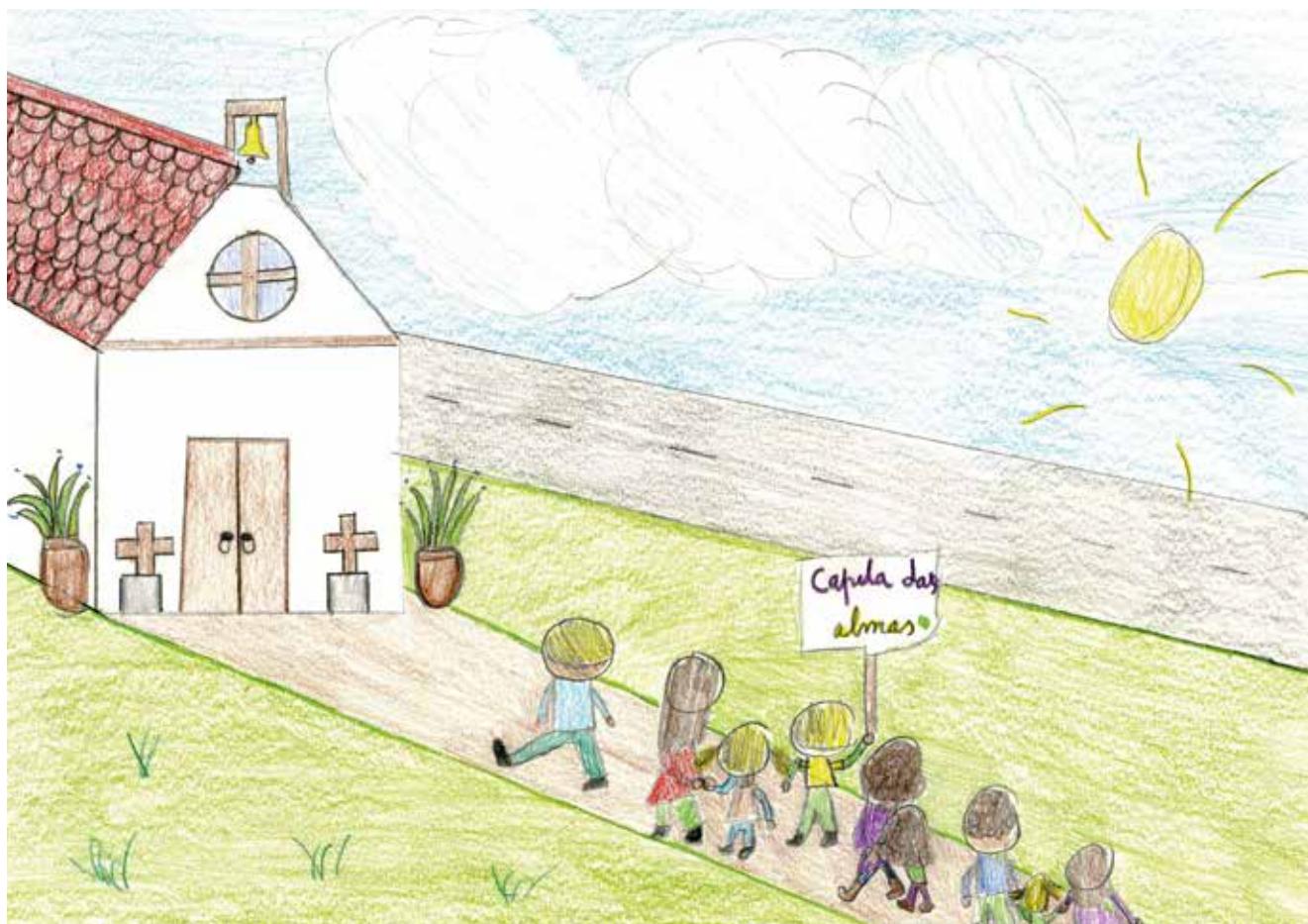
Escola Básica Dr. Sérgio Ribeiro | 3.º Ano

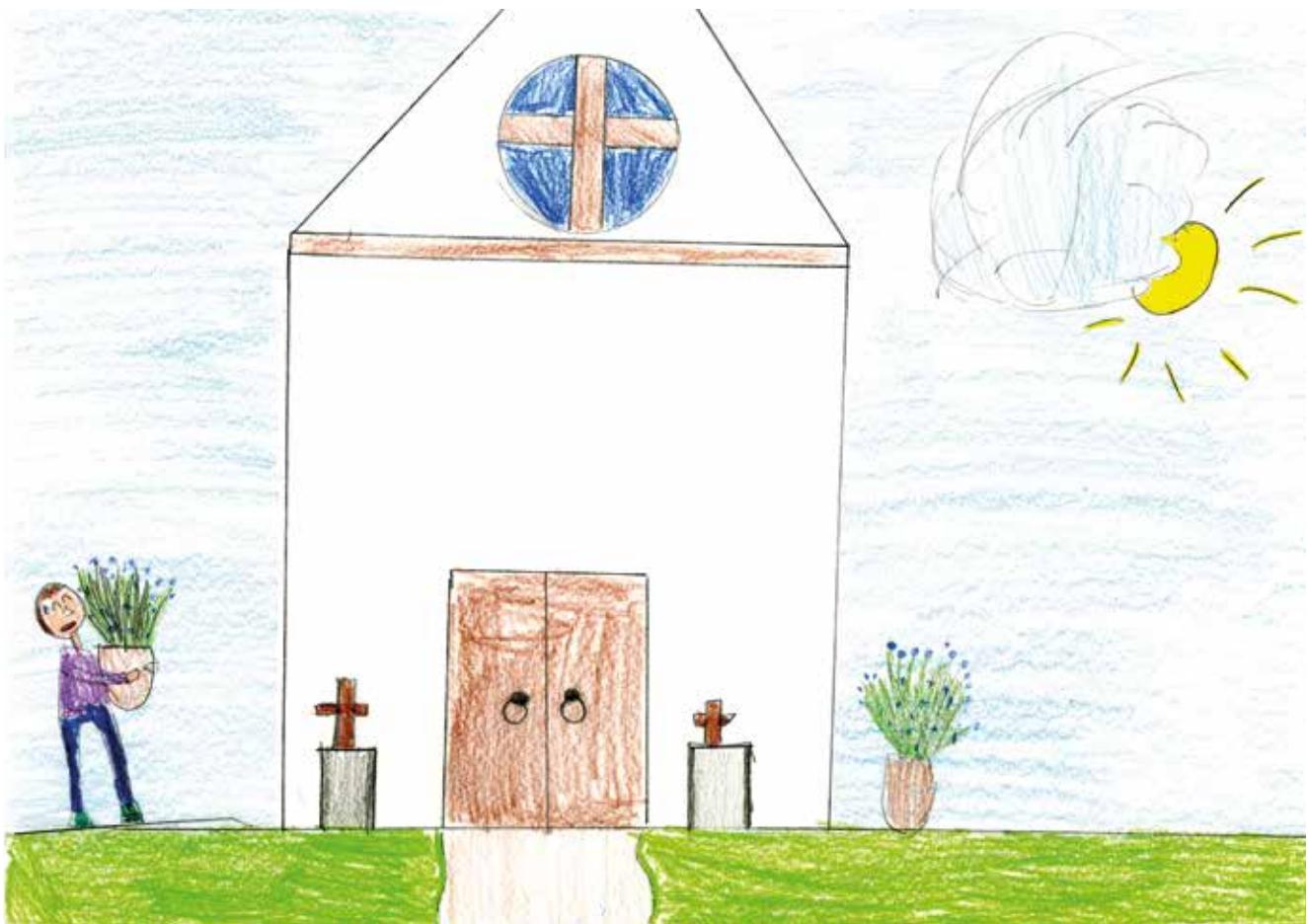


desenhos realizados por:

**Mariana Sousa | Jennifer Sousa**

Escola Básica Dr. Sérgio Ribeiro | 3.º Ano







## A mercearia do «Fifas»

«Fifas» foi a alcunha que se fixou a Domingos, natural de São João de Ver e pai de Maria da Conceição Magalhães. A mercearia do «Fifas» era apenas uma das quatro que existiram na rua 31 de Janeiro, em Lourosa. Há cerca de vinte anos que está encerrada ao público, sensivelmente por altura da entrada do euro em Portugal e após o falecimento de Domingos. Todavia, a família procurou preservar o espaço e alguns dos seus objetos e peças de mobiliário.

Conceição aponta o lugar que cada um deles ocupou como se os estivesse a ver: “aqui, tínhamos os barris do vinho; ali, os copos da tasca e a pia; aqui em cima, o rádio; acolá, um armário onde colocávamos a marmelada, o queijo, o polvo e os ovos cozidos, o chouriço e as iscas de fígado com que o meu pai preparava as sandes para os operários das antigas pedreiras de Lourosa”.

Sobre o balcão de mármore branco, repousam duas balanças e dois pesos: um de 5 kg e outro muito pequenino que Conceição manteve na mão durante a nossa conversa. O móvel em madeira pintado na mesma cor, com dezenas de gavetas, revela-nos um tempo em que vender «avulso» era a regra. Aos poucos, voltamos a esse modo mais sustentável de consumo, em que as embalagens eram os «cartuchos de cartão» e, ao entrar na loja, “se sentia o cheirinho a café e a frutos secos”. Uma gaveta destaca-se: tem o puxador mais polido pelo uso. É a gaveta onde se guardava o dinheiro!

Mas a casa do «Fifas» representou mais que um lugar de trocas comerciais. “Era tudo” – comentou Conceição. Foi um lugar de convívio, de repouso e um espaço para apreciar refeições caseiras.

Conceição foi buscar o velho e bonito rádio que, outrora, foi uma companhia insubstituível. *Simplesmente Maria* foi um dos programas mais ouvidos à tarde<sup>11</sup>: o folhetim radiofónico português com o maior sucesso de todos os tempos. O dominó e as cartas também ajudavam a passar o tempo antes (e depois) do aparecimento da televisão e de *Gabriela, Cravo e Canela* e *O Casarão*.

Muitos não esqueceram as iscas de bacalhau preparadas pela mãe de Conceição (com o mesmo nome). Este era o prato tradicional que se apreciava, sobretudo, pela festa de S. Miguel em setembro. “Vinham famílias inteiras à nossa tasca”. A cozinheira de «mão cheia» era também criativa e não se repetia ao longo da semana: caldeirada, bacalhau cozido com batata e couve, massa de frango, peixe frito ou arroz de polvo. Domingos ia ao Porto comprar o bacalhau e o polvo seco mas, para

os restantes produtos, tinha vários fornecedores, como o que lhe vendia o azeite transportado numa carroça puxada por um burro.

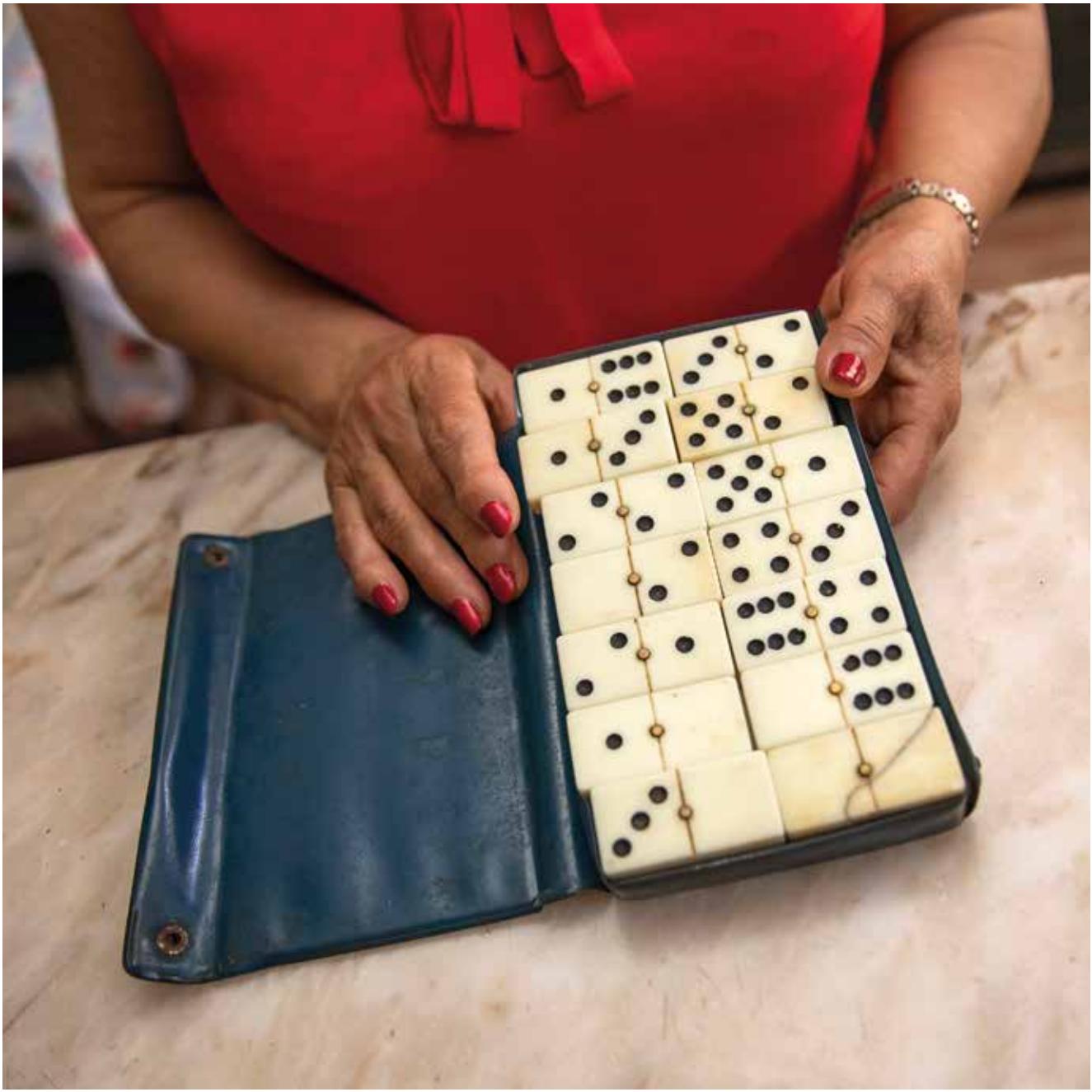
Aquelas iguarias aqueceram o estômago e o coração de muitos trabalhadores das pedreiras (homens e mulheres) “que vinham almoçar sozinhos” pensando na casa e na família que deixaram na terra. Conceição recorda a origem de alguns deles: Vieira do Minho e Baião.

Felizmente que Conceição não destruiu o que vimos na antiga mercearia e tasca da sua família. Caso contrário, “não haveria história” para contar!















desenho realizado por:  
**Gerson Prata**  
Escola Básica de Aldeia  
Nova | 4.º Ano



desenho realizado por:  
**Martim Santos**  
Escola Básica de Aldeia  
Nova | 3.º Ano

desenho realizado por:

**Gustavo Marques**

Escola Básica de Aldeia Nova | 3.º Ano





## notas

As entrevistas foram realizadas entre dezembro de 2021 e abril 2022: Fernanda Sousa e Américo Teixeira em 29 de dezembro de 2021; José Santos e Joaquim Silva em 4 de janeiro de 2022; Teófilo Sá e Maria Celeste Castro em 18 de fevereiro de 2022; Alberto Valente em 7 de março 2022; e Maria da Conceição Magalhães em 29 de abril de 2022.

<sup>1</sup> Halwachs, Maurice, *A Memória Coletiva*, Biblioteca Vértice, 1990, p. 53-55.

<sup>2</sup> Machado, Juliana Porto, «O conceito de artesanato: Uma produção manual», *Revista de Ciências Humanas e Sociais*, vol. 2 n.º 2, 2016, p. 54-55.

<sup>3</sup> cf. Arquivo Distrital de Aveiro (<https://digitarq.adavr.arquivos.pt/details?id=1095691>).

<sup>4</sup> O moinho foi um dos mais importantes instrumentos na economia de subsistência e, num período de fraca circula-

ção monetária, o pagamento pela moagem dos cereais era feito com uma percentagem da farinha obtida, quantidade que normalmente oscilava entre os 5 e os 10 por cento. Na década de 60 do século XX existiram, em Portugal, cerca de 10 000 moinhos em laboração, sendo que 7000 seriam moinhos de água e 3000 moinhos de vento. O número de moinhos em atividade evidenciava a importância económica que esta estrutura detinha na economia portuguesa desse período, e mais concretamente no mundo rural, pois, nas cidades, desde meados do

século XIX, se haviam instalado as grandes fábricas de moagem e superado o papel desempenhado pelos moinhos de água. Cf. Castelo-Branco, Fernando, *Revista Portuguesa de História*, «Os Moinhos na Economia Portuguesa», tomo VIII, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1959.

<sup>5</sup> «(...) a superstição e a religião acompanharam a profissão de moleiro desde os seus primórdios. O domínio e o controlo do espírito livre da água com o fito de mover as rodas dos moinhos determinavam, mais

cedo ou mais tarde, a vingança deste elemento, quase sempre sob a forma de cheias repentinas e destruidoras. O medo do infortúnio, da perda do moinho e do modo de vida, ditou a necessidade profilática de aplacar a punição divina através da gravação de símbolos mágico-religiosos, razão pela qual o moleiro gravava nas paredes do seu moinho toda a sorte de cruces e cruciformes, mas também imagens esquemáticas, letras, datas e até símbolos de identificação próprios

(...). Cf. «Estudo de grafitos em moinhos de água no concelho de Lousada: o caso do Moinho da Devesa 1» por Manuel Nunes e Paulo Lemos (Suplemento de Arqueologia, ano 14, n.º 108).

<sup>6</sup> Segundo Manuel Fernandes Vicente, “Portugal é o único país do mundo que, na sequência do Concílio de Trento (1545-1563), criou os monumentos que são marcas profundas da religiosidade popular: localizadas habitualmente à beira de caminhos

rurais e em encruzilhadas, as alminhas, representações populares das almas do Purgatório que suplicam rezas e esmolas e que frequentemente surgem em microcapelinhas, padrões, nichos independentes ou incrustados em muros ou nos cantos de igrejas, painéis de azulejo ou noutras estruturas independentes”. Cf. «Alminhas: Portugal foi o único país a criar estes monumentos», Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura.

<sup>7</sup> Cf. Martins, Andreia, O Pão em Terras de Santa Maria, dissertação de Mestrado em Alimentação, Coimbra, 2015, p. 59-61.

<sup>8</sup> Idem.

<sup>9</sup> Segundo o Jornal N, a Feira do Velho de Santa Maria da Feira surgiu em 2013 e decorre no quarto domingo de cada mês. Cf. <https://www.jornaln.pt/local/reportagem-ha-ideias-novas-na-feira-do-velho/>

<sup>10</sup> Garlopa é uma máquina manual de fazer rolhas de cortiça. «O garlopista era o operário que produzia as rolhas a partir dos quadros de cortiça, colocando-os na garlopa e acionando-a através de um punho que fazia girar o quadro contra o gume da lâmina que o cortava em forma de cilindro». (Cf. <https://www.cm-almada.pt/museus/objetos-contam-historias/garlopa>).

<sup>11</sup> “Simplesmente Maria” foi emitida pela Rádio Renascença a partir de março de 1973, das 13:30 às 14:30, teve duzentos episódios, que passaram para além de 25 de abril de 1974 (cf. <https://www.mundoportugues.pt/2020/10/10/simplesmente-maria-meteu-meio-portugal-de-radio-ao-ouvido/>).

## *bibliografia e infografia consultadas*

**Castelo-Branco**, Fernando, Revista Portuguesa de História, «Os Moinhos na Economia Portuguesa», tomo VIII, faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1959

**Halwachs**, Maurice, A Memória Coletiva, Biblioteca Vértice, 1990

**Joanne Fedler**, Conte a Sua História, Pergaminho, 2017

**Machado**, Juliana Porto, «O conceito de artesanato: Uma produção manual», Revista de Ciências Humanas e Sociais, vol. 2 n.º 2, 2016

**Martins**, Andreia, O Pão em Terras de Santa Maria, dissertação de Mestrado em Alimentação, Coimbra, 2015

**Reis**, Maria Cecília Rodrigues, Lourosa – Sua História e Gentes, 1989

**Souza**, Fernanda Morais de, Revirando malas: entre histórias de bonecas e crianças, Porto Alegre, 2009

**Vicente**, Manuel Fernandes, «Alminhas: Portugal foi o único país a criar estes monumentos», Secretariado Nacional da Pastoral da Cultural

<https://recursos.portoeditora.pt/recurso?id=9487587>

<https://www.mundoportugues.pt/2020/10/10/simplesmentemaria-meteu-meio-portugal-de-radio-ao-ouvido/>

<http://museuvirtual.activamanteigas.com/index.php/places/moinhos-1/moinhos-sua-historia-rural-e-vida-social/>

<https://www.apcor.pt/wp-content/uploads/2015/09/economia-do-sector-da-cortica-em-portugal.pdf>

<https://digitalq.adavr.arquivos.pt/details?id=1095691>

Garlopa: <https://www.cm-almada.pt/museus/objetos-contam-historias/garlopa>

# agradecimentos

Este livro representa o encontro de oito histórias contadas na primeira pessoa.

Um agradecimento muito especial a Alberto Valente, a Américo Teixeira, a Fernanda Sousa, a Joaquim Silva,

a José Santos, a Maria Celeste Castro, a Maria da Conceição Magalhães e a Teófilo Sá que nos narraram, resumidamente, factos, vivências e pedacinhos da nossa cultura popular e não só!

E um agradecimento particular às professoras do 3.º e 4.º ano do Agrupamento de Escolas António Alves Amorim e aos seus alunos que ilustraram magnificamente cada uma das histórias.

# ficha técnica

**Título**

Objetos com Histórias  
“Partilha, Lourosa”

**Autora**

Céu Mota

**Participantes**

Alberto Alves Valente  
Américo Fontes Teixeira  
Fernanda Oliveira da Conceição e Sousa  
Joaquim Fernandes da Silva  
José Soares dos Santos  
Maria Celeste Castro Sá  
Maria da Conceição Rosa Magalhães  
Teófilo Gonçalves de Sá

**Ilustração**

Alunos do 3.º e 4.º ano do  
Agrupamento de Escolas An-  
tónio Alves Amorim – Lourosa

[Alunos do 3.º e 4.º ano da  
Escola Básica de Aldeia Nova]  
Professora: Angélica Silva  
Bruno Mendes  
Diogo Silva  
Gerson Prata  
Gonçalo Oliveira  
Gonçalo Sousa  
Gonçalo Vita  
Gustavo Marques  
Lara Machado  
Leonor Silva  
Leonor Tavares  
Lucas Cardoso  
Mara Marques  
Mariana Rodrigues  
Martim Laranjeira  
Martim Santos  
Matilde Sousa  
Mohamad Alhamood  
Salvador Ribeiro  
Saray Campos  
Tiago Silva

[Alunos do 3.º ano da Escola  
Básica de Sobral]

Professora: Fernanda Costa

Ana Marinheiro  
Andréa Hillairet  
Caio Oliveira  
Carolina Carneiro  
Filipe Oliveira  
Francisco Ferreira  
Guilherme Santos  
Gustavo Baptista  
Gustavo Rocha  
Gustavo Vendas  
Íris Coelho  
Kévim Gomes  
Lara Andrade  
Lourenço Rocha  
Margarida Graça  
Matilde Silva  
Matilde Soares  
Rodrigo Rodrigues  
Sofia Magalhães  
Sofia Relvas  
Tomás Oliveira  
Valentina Azevedo  
Vasco Sousa

[Alunos do 3.º ano da Escola  
Básica de Sobral]

Professora: Márcia Lisboa

Adelaide Sousa  
Ana Bastos  
Ariana Costa  
Diana Oliveira  
Diego Pereira  
Diego Silva  
Dinis Relvas  
Diogo Monteiro  
Francisco Díaz  
Francisco Monteiro  
Gabriela Bastos  
Gustavo Esteves  
Gustavo Santos  
Gustavo Ribeiro  
Leandro Couto  
Mafalda Dias  
Mariana Santos  
Martim Santos  
Matilde Pereira  
Mia Duarte  
Nicole Salinas  
Santiago Gonçalves  
Yara Reis

[Alunos do 3.º ano da Escola  
Básica Dr. Sérgio Ribeiro]

Professora: Maria Fernandes

Carolina Nogueira  
Daniela Barbosa  
Diogo Luz  
Diogo Sá  
Duarte Sousa  
Edmundo Guimarães  
Gabriela Braga  
Gonçalo Rebelo  
Jennifer Sousa  
João Canedo  
Kamila Bernal  
Lara Gonçalves  
Mariana Sousa  
Mariana Teixeira  
Martim Pinheiro  
Martim Santos  
Martim Soares  
Rita Correia Reis  
Santiago Castro  
Xavier Jesus

[Alunos do 3.º e 4º ano da  
Escola Básica de Fonte Seca]  
Professora: Mónica Almeida  
Afonso Pinto  
Camila Maganinho  
Catarina Sousa  
Davi Pacha  
Duarte Matos  
Francisca Vivas  
Henrique Santana  
Inês Oliveira  
Lívia Couto  
Mara Oliveira  
Maria Inês Duarte  
Mariana Silva  
Matheus Moraes  
Santiago Santos  
Sara Leonel

[Alunos do 3.º ano da Escola  
Básica Casalmeão]  
Professora: Teresa Oliveira  
Beatriz Sá  
Danilo Ferreira  
Dayler Liendo  
Diego Abreu  
Diogo Alves  
Duarte Silva  
Gonçalo Caldeira  
Gonçalo Costa  
Lara Silva  
Luana Sá  
Maria Figueiredo  
Maria Mota  
Maria Ribeiro  
Martim Rocha  
Matilde Oliveira  
Matilde Sousa  
Patrícia Silva  
Sofia Capela  
Tiago Lima  
Tomás Gonçalves  
Tomás Lopes  
Tomás Oliveira

[Alunos do 3.º ano da Escola  
Básica de Prime]  
Professora: Lúcia Coelho  
Abílio Ventura  
Alexandre Correia  
Aléxis Neves  
Beatriz Félix  
Francisco Maia  
Luana Ribeiro  
Martim Barbosa  
Rafael Silva  
Ricardo Correia

[Alunos do 3.º ano da Escola  
Básica da Vergada]  
Professora: Mónica Neves  
Bruno Moreira  
Gonçalo Amaral  
Mafalda Sousa  
Mariana Oliveira  
Vicente Conceição  
Vicente Vieira  
Vítor Fontes

**Gestão | Coordenação**

Manuela Coelho  
Aurora Correia  
Paula Costa  
Susana Lopes  
Isabel Silva  
Joana Brandão

**Design Gráfico**

Rute Serra – Divisão de Comunicação, Relações Públicas e Internacionais da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira

**Edição**

Município de Santa Maria da Feira  
Projeto MIDAS – Mudança para a Inclusão e Desenvolvimento Artístico e Social  
Programa Operacional Regional do Norte (Norte 2020)

**Entidade Promotora**

Município de Santa Maria da Feira  
Departamento de Desenvolvimento Social, Saúde e Habitação  
Pelouro da Ação Social, Saúde, Proteção Civil e Bem-estar Animal

**Entidades Parceiras**

Casa dos Choupos – Cooperativa Multisectorial de Solidariedade Social, CRL  
CASTIIS – Centro de Assistência à Terceira Idade e Infância de Sanguedo  
Juntas de Freguesia

**Outras Entidades**

Fórum Social da Freguesia de Lourosa

**Impressão e Acabamentos**

Sersilito – Empresa Gráfica, Lda.

**Tiragem**

250 exemplares

**Santa Maria da Feira**

**Outubro 2022**

**NORTE2020**  
PROGRAMA OPERACIONAL REGIONAL DO NORTE

**PORTUGAL**  
**2020**

 **UNIÃO EUROPEIA**  
Fundo Social Europeu

  
**santa maria da feira**  
câmara municipal

**MIDAS**  
mudança para a inclusão e  
desenvolvimento artístico e social

  
**CASA DOS  
CHOUPOS**  
COOPERATIVA

**castis**  
instituição de utilidade pública 

  
**LOUROSA**  
Cidade Capital da Cortiça



 **Fiães**  
JUNTA DE FREGUESIA





**MIOAS**

mudança para a inclusão e  
desenvolvimento artístico e social